

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

FERNANDO JOSE BARBOSA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um fragmento do primeiro capítulo do romance *A Ladeira da Saudade*, escrito por Ganymedes e publicado pela primeira vez em 1983. O livro fala sobre o amor de uma adolescente do século XX, em Ouro Preto, no Brasil, e sobre os preconceitos raciais.

O CONFUSO MUNDO DOS EUS

Lília estava deitada na cama coberta por uma colcha estampada com girassóis. Ela adorava o amarelo, a cor do sol, a cor do fogo. Por isso, em seu quarto, desde o carpete às cortinas, o ouro-velho era o tom dominante. Nas paredes bege-claro enfileiravam-se três posters de antigos astros do cinema, pois Lília era vidrada em cinema. Ao lado da cama, uma estante tomava quase toda a parede da esquerda. Ali estavam seus discos, álbuns, livros e um moderníssimo conjunto de som. Às vezes, ela curti a música moderna, mas, quando o seu amarelo ficava turvo, preferia os clássicos, que ajudavam a sair da depressão.

Baixinho, estava tocando o Concerto número 23, de Mozart.

De bruços, as pernas dobradas para cima, ela mordida a ponta da esferográfica enquanto olhava para o diário aberto sobre a cama. No alto, a data e o dia da semana. Abaixo, havia escrito: “Tarde de sol, bem depois das seis e meia, um calorão danado. Por que a vida é tão difícil?”.

(...)

Mozart era excelente para ajudá-la a encontrar caminhos, no escuro poço de seu universo. Chopin também.

– Os artistas devem ter conhecido esta angústia que estou sentindo agora – disse pensativa, fechando o diário. – Ó Cecília Meireles, por que você não vem me ajudar a entender este meu coração maluco?

A melodia chegou ao fim e, com um salto, ela desligou o aparelho. Exatamente quando a porta era aberta, e Alice apontava:

– Sua mãe...

– ... Mandou dizer que o jantar está na mesa.

(...)

A escada era forrada com passadeira grossa, ninguém ouvia os passos de quem subisse ou descesse. O pai, sentado, lia o jornal. O televisor estava ligado, sem som.

–Oi! – cumprimentou ela, dando-lhe um beijo na testa. Depois, afundou-se no sofá e, pegando uma almofada, abraçou-a. – Ressuscitou muita gente hoje, papai?

Dr. Rui dobrou o jornal, esticou o braço e passou-o sobre o ombro da filha. Sorriu. Olhou-a de perto.

– Você sabe que seu pai é obstetra. Portanto, é muito difícil ressuscitar... gente!

– E nenês não são gente? Quando eles nascem antes do tempo, não é preciso colocá-los na incubadora? Isso não é ressuscitar?

O médico respirou fundo.

– Deve ser fantástico ver nascer um nenezinho de sete meses pouco maior que a mão da gente! – disse Lília, os olhos brilhando. – Como é que uma coisinha dessas pode ficar “destamanhão”? – e olhou para o próprio corpo.

– É isso mesmo que eu sempre me pergunto! – concordou o pai. – Você também, quando nasceu, era um pouco maior que a minha mão e, agora, está... “destamanhão”.

A filha sorriu. O pai era jovem, bonitão, moreno de cabelos ralos, com entradas, o que lhe dava maior charme. Tinha olhos negros – e os olhos ela havia herdado dele. A pele muito clara tomava um assombreado pela barba escura que ele cortava todas as manhãs.

– Pela segunda vez aviso que o jantar está na mesa – disse a mãe, surgindo no vão da porta. – Vocês gostam mesmo de comer comida fria, não é?

O sorriso morreu no rosto de Lília, que se endireitou no sofá.

– Quantas vezes tenho de repetir para você parar com essa mania de abraçar almofadas como se fossem bonecas, Lília? – criticou dona Flávia. – Você já está com 16 anos, não é mais uma criancinha, precisa ter boas maneiras!

– Vamos jantar – propôs o pai, levantando-se.

Lília foi atrás. Não sentia fome. De repente, tinha-lhe voltado a mesma dor de estômago que sentira depois de brigar com Marcos César. Por que a mãe lhe provocava essa sensação? A mãe era linda – Lília não negava. Tinha longos cabelos castanho-claros, finos, olhos castanho-esverdeados e um rosto nobre; o par perfeito para o pai. Mas por dentro a mãe não era bonita! Para Lília, todas as pessoas tinham dois eus: o eu de fora, o físico, que todo mundo vê, e o eu de dentro, o invisível, que só aparece quando as pessoas são honestas, espontâneas, dedicadas... como acontecia com o pai. A mãe, ao contrário, nunca deixava transparecer aquele eu. Ou será que o eu de dentro dela era mesmo mandão, exigente, determinado? Podiam existir pessoas bonitas por fora e feias por dentro? Talvez pudesse, porque Lília conhecia pessoas extremamente feias, porém com um eu interior maravilhoso!

– Que complicação! – murmurou tal ideia, sentando-se.

– O quê? – perguntou a mãe.

– Nada, nada, eu estava falando comigo mesma...

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Observe o fragmento a seguir:

*“De bruços, as pernas dobradas para cima, ela mordida a ponta da **esferográfica** enquanto olhava para o diário aberto sobre a cama.”*

Procure no dicionário o verbete destacado e determine o seu significado, sua classe gramatical e sua origem etimológica.

Habilidade trabalhada

Usar adequadamente o dicionário.

Resposta Comentada

Espera-se que o aluno, ao procurar o verbete no dicionário ache a seguinte estrutura:

esferográfica : do latim (*esfera* + *gráfico*) adj. f. s. f. Diz-se de ou instrumento que contém um reservatório de tinta espessa que, através do contacto com uma pequena esfera de metal acoplada no fim do reservatório, serve para escrever ou rabiscar.

A partir daí, ele terá que explorar não só o significado do vocábulo, mas a sua etimologia que é latina, e sua classe gramatical, que nesse caso existem duas possibilidades, adjetivo ou substantivo, mas essas possibilidades seriam confirmadas pelo uso no próprio exemplo que no caso é um substantivo.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Como você já viu, muitas palavras do nosso vocabulário sofreram alterações após o Novo Acordo Ortográfico. Sendo assim, assinale a alternativa que apresenta, dentre as palavras destacadas, um vocábulo que tenha sofrido alguma mudança após o Novo Acordo.

- “Mozart era excelente para **ajudá-la** a encontrar caminhos” (L. 11)
- “Os artistas devem ter conhecido esta **angústia** que estou sentindo agora” (L. 13)

- c) “disse pensativa, fechando o **diário**.” (L. 13/14)
- d) “**ninguém** ouvia os passos de quem subisse ou descesse.” (L. 19)
- e) “*Que complicação!* – murmurou tal **ideia**, sentando-se.” (L. 52)

Habilidade trabalhada

Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta comentada

Espera-se que o aluno identifique que a palavra *ideia* recebia acento agudo no *e* antes do Novo Acordo, e após , tal acento não é mais usado, e todas as demais palavras, também corretamente escritas, não sofreram alterações com tal Acordo Ortográfico.

QUESTÃO 3

Tal qual você já estudou em aulas anteriores, existem três tipos de discurso que um texto pode apresentar. Considerando isso, qual tipo de discurso é predominante no texto? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

Espera-se que o aluno identifique com facilidade que o discurso direto é predominante no Texto Gerador 1, e que há vários exemplos ao longo do texto todo que podem ser usados como justificativa para a questão, como por exemplo a última passagem do texto:

“– *Que complicação!* – murmurou tal **ideia**, sentando-se.

– *O quê?* – perguntou a mãe.

– *Nada, nada, eu estava falando comigo mesma...*”

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II é um fragmento do Romance *Matilda* onde narra as aventuras e travessuras de uma menininha superdotada cujos pais não conseguem enxergar muito bem isso.

Srta. MEL

Matilda começou a frequentar a escola um pouco tarde. A maioria das crianças entra na escola com cinco anos, ou até antes, mas os pais de Matilda, que não se preocupavam muito com a educação da filha, tinham deixado passar a época de fazer a matrícula. Ela estava com cinco anos e meio quando foi à escola pela primeira vez.

A escola da cidade era um prédio de tijolos à vista e chamava-se Escola Primária Crunchem Hall. Tinha cerca de duzentos e cinquenta alunos, com idades que iam de cinco a doze anos. A diretora, a chefe, a comandante suprema era uma mulher alta e forte, de meia-idade, a sra. Taurino.

Naturalmente, Matilda foi matriculada na classe mais elementar, com outros dezoito meninos e meninas mais ou menos da mesma idade que ela. A professora chamava-se srta. Mel e não devia ter mais do que vinte e três ou vinte e quatro anos. Seu rosto oval era claro e angelical. Tinha olhos azuis e cabelos castanho-claros. Seu corpo era tão esguio e frágil que dava a impressão de que, se ela caísse, quebraria em mil pedaços, como uma estatueta de porcelana.

Jennifer Mel era uma pessoa suave e tranquila, que nunca levantava a voz e raramente sorria, mas não havia dúvida de que tinha o dom de ser adorada por todas as crianças que ficavam sob seus cuidados. Parecia compreender o assombro e o medo que tantas vezes invadiam as crianças pequenas que, pela primeira vez na vida, viam-se reunidas numa sala de aula e obrigadas a obedecer ordens. Um calor humano quase palpável brilhava no rosto da srta. Mel quando ela falava com algum aluno que acabava de chegar confuso e assustado.

A sra. Taurino, a diretora, era bem diferente. Era um gigantesco terror, um monstro forte e tirânico que apavorava alunos e professores. Em torno dela sentia-se uma aura de ameaça, mesmo a distância, e, quando se aproximava, sentia-se o perigoso calor que ela irradiava, como se fosse uma barra de metal incandescente. A sra. Taurino nunca caminhava, ela sempre marchava como um militar, com passos largos e os braços balançando ao lado do corpo. Ela marchava pelo corredor, bufando à medida que avançava. Se por acaso um grupo de crianças surgisse em seu caminho, ela passava direto, como se fosse um tanque, fazendo os pequenos alunos pularem às pressas para a esquerda e para a direita. Felizmente não há muita gente como ela neste mundo. Mas pessoas assim existem e todos nós corremos o risco de encontrar pelo menos uma na vida. Se algum dia isso acontecer com você, comporte-se como se estivesse diante de um rinoceronte enraivecido no meio da selva: suba na árvore mais próxima e fique lá até o perigo passar. É quase impossível descrever aquela mulher, com todos os detalhes de suas excentricidades e de sua aparência [...].

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe as palavras destacadas no fragmento a seguir:

*“A escola da cidade era um prédio de tijolos à vista e chamava-se Escola Primária Crunchem Hall. Tinha cerca de **duzentos** e cinquenta alunos, com idades que iam de cinco a **doze** anos. A diretora, a chefe, a comandante suprema era uma mulher alta e forte, de meia-idade, a sra. Taurino.*

*Naturalmente, Matilda foi matriculada na classe mais elementar, com outros **dezoito** meninos e meninas mais ou menos da mesma idade que ela. A professora chamava-se srta. Mel e não devia ter mais do que vinte e três ou vinte e quatro anos. Seu rosto oval era claro e angelical. Tinha olhos **azuis** e cabelos castanho-claros. Seu corpo era tão esguio e frágil que dava a impressão de que, se ela caísse, quebraria em mil pedaços, como uma estatueta de porcelana.”*

Todos os exemplos destacados apresentam o fonema /Z/ representado pelo próprio grafema <Z>, todavia tal fonema pode ser representado por outros grafemas, como, por exemplo, o grafema <S>. Tais possibilidades provocam muitas dúvidas ortográficas. Sabendo disso, assinale a opção cujo fonema /Z/ foi representado erradamente pelo grafema <S>.

- a) Coesão
- b) Molesa
- c) Casebre
- d) Usina
- e) Raposa

Habilidade trabalhada

Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta comentada

O objetivo desta questão é que o aluno seja capaz de identificar os erros ortográficos recorrentes na representação gráfica do fonema /Z/. Sendo assim, o aluno saberá que a única palavra que ocorreu uma representação equivocada foi **moleza**, que deveria estar registrada com Z, pois o sufixo –eza que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos e grafado com Z.